

Janelas do Tempo

Rodrigo
Alves



É jornalista
dandonota.com

Grande parte da história de uma cidade pode ser contada por meio de imagens que sobrevivem ao tempo e nos permitem comparar as mudanças sociais. Sem a necessidade do registro das palavras, elas são produzidas por artistas anônimos. Pessoas que permanecem quase sempre escondidas nos bastidores. Personagens que ainda hoje podemos chamar de fotógrafos.

Seja diante de uma fotografia de paisagem ou álbum familiar, comigo sempre foi assim. Por incontáveis vezes, tentei desvendar ruas e situações por traz do clique. Ou, então, busquei seu contexto, num esforço em imaginar o que levou o profissional a optar por determinado ângulo.

Tal sentimento ficou ainda mais forte no dia 31 de julho, quando a Acipi recebeu a exposição Janelas do Tempo, com fotografias de 16 profissionais da cidade, como forma de celebrar os 250 anos de Piracicaba. De caráter itinerante, a mostra ocupa atualmente o hall do prédio anexo da Câmara e deve seguir para as escolas da cidade, cumprindo ainda um papel educativo.

Concebida pelos repórteres fotográficos Davi Negri e Fabrice Des-

monts, a mostra promove o encontro da Piracicaba do passado com a Piracicaba do presente. E, da mesma forma como fazemos com uma janela, ao abrir e fechar suas folhas temos o comparativo de espaços como a Casa do Povoador, praça José Bonifácio, Estação da Paulista, ponte do Mirante, rua do Porto, Esalq, entre outros locais.

Tive o privilégio da convivência profissional com alguns desses nomes, caso de Henrique Spavieri, Pauléo, Bolly Vieira, Mateus Medeiros, Alessandro Maschio e Marcelo Germano e, de agora, estar próximo de Negri e Desmonts, como ainda conhecer Amanda Vieira, Claudinho Coradini, Antonio Trivelin, Cristiano Diehl, Paulo Ricardo dos Santos, Del Rodrigues e Justino Lucen-

te, escolhidos para compor a exposição, que também enaltece Diógenes Banzato.

Além de possibilitar que os visitantes percebam o que mudou na cidade ao longo das décadas, o grande mérito da exposição, no



entanto, é o de inovar na aplicação do suporte expositivo, que remete ao abrir e fechar das janelas. Mais do que o olhar, ela obriga o espectador a aguçar os sentidos, por meio da percepção tátil. Assim, é preciso também tocar, sentir, perceber, experimentar e comparar.

A mostra também escancara uma outra característica, um grande mérito, que às vezes carece de reconhecimento: Piracicaba sempre foi conhecida por excelentes pro-

fissionais do fotojornalismo e por aqueles que também se enveredaram por outras áreas da fotografia. Nomes que nunca deixaram a correria do cotidiano abafar suas leituras poéticas sobre a beleza natural e arquitetônica que a cidade carrega.

Banalizada na era atual, a fotografia está ao alcance de todos. Basta tirar o celular do bolso, fazer o clique e expor sua visão de mundo nas redes sociais, sem qualquer domínio técnico, como se os filtros fossem a salvação do mundo. Mas fotografia não é nada disso e não há qualquer glamour no exercício da profissão, muito pelo contrário. É uma arte que exige paixão, talento, dedicação e o dom de transformar o cotidiano em poesia, tendo a consciência de que um clique contribui para eternizar o momento e também preservar a história e a memória.

